

LAR, SEXUALIDADE E DISSIDÊNCIA: O ESTRESSE DE MINORIA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA SINTOMAS DEPRESSIVOS EM PESSOAS LGBS

Autoras

Gabriela Fanny Leite Couto

*Graduanda do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Voluntária em Iniciação científica pela Pesquisa SEXVID.
gabrielafannylcouth@gmail.com*

Tatiana Maria Macedo Silva

*Graduanda do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Voluntária em Iniciação científica pela Pesquisa SEXVID.
tatimaria.macedosilva@gmail.com*

Orientador

Flávio Henrique dos Reis Soares

*Professor do Programa de Educação Continuada da PUC Minas e da Especialização em Psicologia e Neurociências do IESLA. Pesquisador pela SEXVID.
flavio@menteafirmativapsi.org*

Simpósio Temático nº 34 – PRÁTICAS E POLÍTICAS SEXUAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Resumo

As vivências e relações dos indivíduos permeiam as produções de normatividade da sociedade. Bem como, a cis-heteronorma em relação à orientação sexual e as distorções dessa normativa, as minorias sexuais. O estresse de minoria é a teoria em que a condição de minoria social é produtora de estresses específicos adicionais a esses grupos. A atual pesquisa faz parte das séries de pesquisa relacionadas ao SEXVID e tem por objetivo verificar o impacto da epidemia nas minorias sexuais. Assim, envolveu 2118 pessoas de diversas regiões do Brasil, das quais 459 se reconhecem como bissexuais, 31 como demissexuais, 349 gays, 172 lésbicas, 78 Pansexuais e 1022 heterossexuais. Para este trabalho utilizou-se a parcela LGB para comparar níveis de sintomas depressivos entre héteros e testar a hipótese da teoria do estresse de minoria. Resultou-se, após a estatística teste *Student's T* que as médias em sintomas depressivos de pessoas não heterossexuais é significativamente maior ($p < 0,001$). É importante notar que ambos os grupos apresentaram médias acima do ponto de corte da escala C-DES (>24 pts.) Tal resultado pode ser interpretado à luz de estressores comuns à pandemia da covid-19 com destaque ao estresse de minoria que na parcela não-heterossexual da população pode agravar os efeitos da pandemia. Uma das explicações plausíveis é o contato direto com familiares, muitas vezes lgb-fóbicos e a impossibilidade de manter contato com suporte social de outras pessoas lgbs. É preciso avançar nas análises e discussões para incluir interseccionalidades que podem agravar esse cenário.

Palavras-chave: Sexualidade, Depressão, Estresse de minoria.

Abstract

The experiences and relationships of individuals are influenced by society's norms. Also, by the cis-heteronorm in relation to sexual orientation and the distortions of this normative, known as sexual minorities. Minority stress is the theory which explains how social minority status produces additional stresses for these groups. The current research is part of the series of research related to SEXVID and aims to test the impact of the pandemic on sexual minorities. Thus, it involved 2118 people from different regions of Brazil, of which 459 are bisexuals, 31 demisexuals, 349 gays, 172 lesbians, 78 Pansexuals and 1022 heterosexuals. For this work, the LGB population was used to compare levels of depressive symptoms among heterosexuals and to test the minority stress theory. It resulted, after the Student's T test, the mean of depressive symptoms in non-heterosexual people were significantly higher ($p < 0.001$). It is worth noting that both groups had means above the cutoff point of the C-DES scale (>24 pts.) This result can be interpreted in the light of stressors common to the covid-19 pandemic, with emphasis on minority stress in the non-heterosexual population that may aggravate the effects of the pandemic. One of the plausible explanations is direct contact with family members, who are often LGBT-phobic, and the impossibility of maintaining contact with social support from other LGBT people. It is necessary to deepen the analysis and discussions to include intersectionalities that can aggravate this scenario.

Keywords: Sexuality, Depression, Minority stress

Introdução

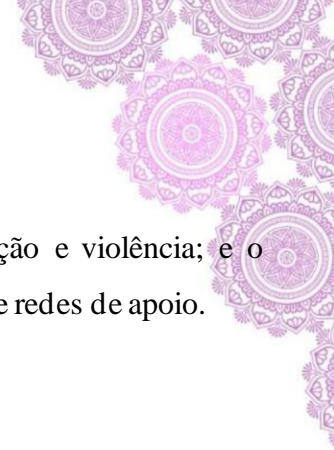
Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, capital da província Hubei na China, tomou-se conhecimento de uma nova doença causada por um tipo recente de coronavírus, a COVID-19. A rápida disseminação geográfica e a gravidade da doença fizeram com que, em janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarasse o mais alto nível de alerta, constituindo uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII); em março do mesmo ano, a Organização evidenciou a COVID-19 como um estado de Pandemia (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2021a; *WORLD HEALTH ORGANIZATION*, 2020). A doença é causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e seus principais sintomas incluem febre, cansaço e tosse seca, porém, casos mais graves podem apresentar náuseas, vômito, diarreias, insuficiência respiratória, dores no corpo e perda do olfato e/ou paladar (OPAS, 2021 b). Apesar de cerca de 80% das pessoas se recuperarem sem a necessidade de tratamento hospitalar, mas há também casos de agravamento do quadro, surgindo a dificuldade para respirar, e havendo a necessidade de um tratamento intensivo. Devido à alta taxa de transmissão do vírus por partículas e aerossóis expelidos no ar através da fala, tosse ou espirros, as medidas de prevenção recomendadas pela OMS abrangem



uso de máscaras, higienização das mãos, distanciamento e isolamento social (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). No Brasil, o Ministério da Saúde (2020), estabeleceu em 13 de março a medida de quarentena, respeitando o Estado de Emergência imposto pela OMS (Organização Mundial da Saúde) visando a manutenção dos serviços de saúde e controle dos casos que, até então, encontravam-se em 60 (sessenta) casos confirmados e 937 (novecentos e trinta e sete) em suspeita.

Diante do contexto pandêmico marcado por medidas preventivas de distanciamento e isolamento, torna-se relevante estudos que abordam os desdobramentos e impactos da Pandemia de COVID-19 em áreas que excedam a questão sanitária, visto que a contaminação do vírus constitui uma dentre as inúmeras preocupações agravadas pelo coronavírus. Vale ressaltar aqui as repercussões nos âmbitos social, financeiro e da saúde mental. Para a análise desses campos, é preciso levar em consideração as diversas desigualdades e interseccionalidades socialmente estabelecidas (VOTELGBT, 2020). As interseccionalidades de classe, gênero, cor, sexualidade, entre outras, permitem refletir como realidades de crise, como o atual contexto da pandemia, se debruçam de diferentes formas para diferentes grupos, protegendo e servindo uns mais do que outros e agravando desigualdades já existentes (ROMEIRO, 2020; MARQUES et al., 2021).

A atual pesquisa faz parte das séries de trabalhos relacionados à pesquisa Sexvid - Sexualidade e Gestão de Risco no contexto da Pandemia de COVID-19, coordenada pela equipe multidisciplinar de professores de cinco universidades públicas brasileiras: Amana Mattos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ), Luís Felipe Rios (Universidade Federal de Pernambuco, UFPE), Marco Aurélio Máximo Prado (Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG), Paula Sandrine Machado (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS) e Tatiana Amabile de Campos (Universidade de Brasília, UNB); e que procura investigar sobre as práticas sexuais e como essas se dão frente às medidas de prevenção e de distanciamento. Perante as discussões e reflexões levantadas, o presente projeto tem por objetivo verificar o impacto da pandemia da COVID-19 nas minorias sexuais, com o recorte na população LGB (Lésbicas, gays e bissexuais), e o aparecimento de sintomas depressivos em comparação a população heterossexual. Para isso, é necessário analisar os atravessamentos dos marcadores sociais da diferença nas práticas adotadas, nas percepções do risco e nas vulnerabilidades sociais identificadas pela população LGB durante o isolamento físico social, sem excluir a abordagem interseccional no que tange privilégios e opressões nesse período. O trabalho foi organizado em Introdução, Método e resultados, Discussão e Considerações finais. A análise dos resultados e a discussão serão feitas à luz da interseccionalidade entre héteros e não-héteros, com recorte LGB, e a teoria do Estresse de Minoria. Serão apontados dois principais focos causadores de estresse em



indivíduos LGBs: o confinamento à ambientes familiares marcados por rejeição e violência; e o afastamento do convívio com o círculo de identificação LGBTQ+ e de canais de redes de apoio.

Método e resultados

Como mencionado na sessão anterior, o projeto atual fez parte do grupo de pesquisa Sexvid, que se utilizou de um questionário online disponibilizado pelo *Google forms*. Esse questionário permaneceu aberto entre os meses de junho de 2021 a setembro de 2021 e tinha como objetivo conseguir respondentes das 5 regiões do Brasil (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste), entretanto houve uma maior representação da região Sul-sudeste, dificultando para um retrato real brasileiro.

Dados provenientes de duas partes do questionário foram utilizadas para o trabalho. A primeira sobre perguntas referentes à orientação sexual, identidade de gênero, idade e região; e a segunda pretendia traçar indícios de sintomas depressivos, com aplicação do instrumento *Center for Epidemiologic Studies- Depression Scale (CES-D)*, escala de 20 itens que abrangem humor, sintomas somáticos, interação interpessoal e comportamento motor; em escala likert que varia entre: nunca a raramente; às vezes; frequentemente; e sempre. Essa escala estabelece uma nota de corte de 24 pontos para identificação de probabilidade de depressão. O cruzamento entre essas duas partes permitiu a reflexão e a investigação do impacto da pandemia na saúde mental considerando a interseccionalidade de minorias sexuais, pretendidas na pesquisa.

A amostra foi constituída de 2118 (dois mil cento e dezoito) pessoas. Partindo de um recorte da Orientação Sexual, desses participantes, 1022 (mil e vinte e dois) são heterossexuais, 172 (cento e setenta e dois) lésbicas, 349 (trezentos e quarenta e nove) gays, 459 (quatrocentos e quarenta e nove) bissexuais, 31 (trinta e um) demissexuais e 78 (setenta e oito) pansexuais, totalizando 980 (novecentos e oitenta) participantes lésbicas, gays e bissexuais e 116 (cento e dezesseis) outras orientações sexuais. No recorte da Identidade de Gênero, a grande maioria dos respondentes identificavam-se como cisgênero, não favorecendo para uma análise aprofundada e efetiva da população Trans ou de outras identidades. Devido a essa falta de representação de algumas minorias na amostra constituída e a revisão bibliográfica feita para fundamentar a análise dos resultados, a pesquisa estabeleceu o enfoque no recorte comparativo entre héteros e LGBs (Lésbicas, gays e bissexuais).



Os resultados obtidos a partir de comparação entre Orientação sexual e score total da CDES sintomas depressivos por meio estatística teste *Student's T*.

Resultados

Os resultados indicaram que tanto indivíduos héteros quanto não-héteros (LGBs) obtiveram uma nota acima da nota de corte estabelecida pela escala CES-D para identificação do transtorno depressivo (>24pts). Pessoas auto declaradas heterossexuais tiveram uma nota de 27, 9563 pontos, enquanto não-héteros de 31, 2124 pontos. Apesar de ambos os grupos demonstrarem uma maior suscetibilidade à experiência de sintomas depressivos como tristeza e falta de energia impactada pela pandemia, não-héteros apresentaram médias significativamente maiores em sintomas depressivos quando comparados aos héteros ($p < 0,001$). Diante disso, indica-se que pessoas LGBs (Lésbicas, gays e bissexuais) estão mais suscetíveis ao desenvolvimento de transtornos depressivos ocasionados pelos impactos do atual contexto de crise. Vale analisar então as características que integram a realidade desses indivíduos em posição de minoria sexual e que explicam essa maior suscetibilidade.

Discussão

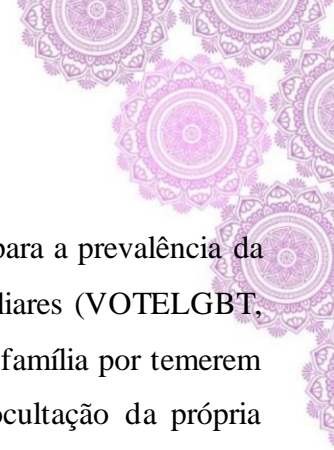
Para analisar e discutir as possíveis causas que corroboram o resultado, precisa-se antes contextualizar e desmentir a ideia de uma pandemia democrática tão perpetuada no início da pandemia. A frase “está todo mundo no mesmo barco”, que popularizou em 2020, desconsidera desigualdades e interseccionalidades sociais que comprometem a noção de democracia e equidade (VOTELGBT, 2020). A interseccionalidade é a abordagem em que as identidades sociais se sobrepõem e se interseccionam em relação aos sistemas de dominação e opressão, termo sistematizado pela professora estadunidense Kimberlé Crenshaw. Os corpos marcados por seu status de minorias nos recortes de raça, gênero, sexualidade, classe, possuem em comum vivências das desigualdades e a inaplicabilidade dos seus direitos nas esferas públicas e privadas em relação ao corpo privilegiado pela sociedade (MARQUES et al, 2021, p.4). A articulação dessas identidades sociais norteia uma categorização hierarquizante dos corpos, a qual a vida de alguns indivíduos é mais interessante do que de outros. A interseccionalidade sexual, entre a heteronormatividade e as minorias sexuais, representadas na população LGB, revela como ações de uma mesma pandemia

agem diferentemente sobre grupos de pessoas héteros e não-héteros, impactando distintamente na saúde mental de ambos os grupos (ROMEIRO, 2020; MARQUES et al., 2021, p.4).

Partindo dessa interseccionalidade, propõe-se investigar gatilhos de depressão e ansiedade que atuam na realidade desses indivíduos, principalmente no caso de LGBs (Lésbicas, gays e bissexuais). A teoria do Estresse de Minoria, originalmente desenvolvida pela Dra. Virgínia Brooks em seu livro “*Minority stress and lesbian women*” de 1981 (RICH, SALWAY, SCHEIM & POTEAT, 2020), defende que a condição de minoria social é produtora de estresses específicos adicionais aos que destoam da normatividade. Posto que as relações heterossexuais são entendidas como a norma, pessoas LGBs são consideradas minorias sexuais. Assim, por receberem impactos aditivos somados aos estressores comuns do cotidiano, os grupos minoritários apresentam maior propensão ao comprometimento do seu bem-estar e ao desenvolvimento de psicopatologias como depressão e ansiedade (MEYER, 2015 apud PAVELTCHUK & BORSA, 2020, passim). Para Meyer (2015 apud GATO et al., 2021, p.613), esses estressores adicionais podem ser distais, quando o indivíduo teme e premedita a rejeição do outro; ou proximais, em que o indivíduo internaliza sentimento de rejeição, ocultação e estigma. Essa teoria é sustentada pelos maiores níveis de sintomas depressivos e de ansiedade presente em minorias, como comprova estudos internacionais em que jovens LGBTQ+ têm maior probabilidade de comportamentos de automutilação e idealização suicida (RUSSEL & FISH, 2016). É relevante então investigar como o estresse de minoria se apresenta em conjunto a contextos de crises, como a atual pandemia, e quais estressores adicionais são agravados de modo a comprometer a saúde mental de indivíduos LGBs, como já observado em outras crises sociais-desastres naturais, violência política, HIV/AIDS (DRABBLE & ELIASON, 2021, p.546).

Como observado nos resultados, ambos grupos héteros e não-héteros apresentam indícios de sintomas depressivos. Isso explica-se pela presença de estressores universais agravados pela pandemia, como o medo de infecção, instabilidade financeira, insegurança, tédio e frustração (GATO et al., 2021). Entretanto, indivíduos LGBs apresentam uma maior suscetibilidade a sintomas depressivos impactados pela pandemia, reafirmando a discussão de estressores adicionais que marcam a realidade dessa população e que foram intensificados pelo momento atual de crise social e sanitária (DRABBLE & ELIASON, 2021).

Frente às medidas de prevenção e de isolamento recomendadas pela OMS (Organização Mundial de Saúde) e reforçadas pelo Ministério da Saúde, coloca-se em pauta a vivência de muitas jovens lésbicas, gays e bissexuais que precisaram cumprir a quarentena em estruturas familiares conservadoras que perpetuam e corroboram estigmas sociais negativos e preconceitos (GATO et al.,



2021). Em um momento em que a urgência de se manter em casa era gritante para a prevalência da segurança, muitos indivíduos LGBs não se viam seguros em seus espaços familiares (VOTELGBT, 2020). Muitos jovens LGBs preferem não assumir sua orientação sexual para a família por temerem a rejeição e a violência que podem vir a sofrer. Por isso, eles vivem na ocultação da própria individualidade e no alerta constante de medo de que algum membro familiar venha descobrir sua verdade (GATO et al, 2021). Essa realidade dialoga com a teoria do estresse de minoria em estressores distais, pois o indivíduo LGB premedita a repudição familiar; e proximais, visto que ele também lida com a própria autopercepção da sua orientação de forma a comprimi-la e ocultá-la em certos ambientes (RUSSELL & FISH, 2016). Na pandemia, esse estressor de alerta intensifica-se visto que o indivíduo está isolado 24 horas por dia com seus familiares.

A rejeição familiar é um fator em peso para o desenvolvimento de quadros depressivos e de ansiedade, tanto que, em casos específicos de suporte e aceitação parental, os indivíduos LGBs nessa situação apresentam características de autoaceitação e maior seguridade da saúde mental e bem-estar (RUSSEL & FISH, 2016). Entretanto, essa não é a realidade da maioria esmagadora de indivíduos que destoam da normatividade sexual. Muitos, além de vivenciar o desgosto e o desprezo da família e conviver em ambientes que propagam preconceitos e LGBTfobia, estão vulneráveis a situações de violência física, moral e psicológica (GATO et al, 2021). No contexto da pandemia, a denúncia a esses casos de violência, que antes já eram escassos, tornou-se ainda mais difícil pelo isolamento a espaços públicos e sociais de denúncia, como escolas, universidades e outros meios sociais. Essa dificuldade em reportar casos de abuso, afeta diretamente na falta de estatísticas confiáveis que representem o quanto essa realidade se repete (GATO et al, 2021; DRABBLE & ELIASON, 2021).

Outro fator que pode vir a agravar essa relação instável entre LGBs e família é o desemprego. A pandemia afetou diretamente o desemprego na população brasileira, chegando a uma taxa de 13,5% (treze inteiros e cinco décimos por cento) ao final de 2020 (IBGE, 2021). A população LGBT+ foi especialmente afetada por essa onda de desemprego por já fazer parte de uma realidade de vulnerabilidade empregatícia antes mesmo da crise econômica agravada pela COVID-19 (VOTELGBT, 2020). Em 2020, a taxa de desemprego entre a população LGBT+ foi de 21,6% (vinte e um inteiros e seis décimos por cento) (VOTELGBT, 2020, p.18). Em uma pesquisa mais recente feita pela Organização VOTELGBT (2021, p. 12), esse desemprego se mostra crescente visto que 6 (seis) em cada 10 (dez) pessoas LGBT+ ficaram desempregadas ou sofreram diminuição de renda.

O corte de renda, além de significar uma insegurança financeira em tempos de crise, o que por si só já é um estressor e gatilho para casos de depressão e ansiedade (VOTELGBT, 2020, p.17),

implica também na diminuição da independência financeira. Principalmente em ambientes familiares já preconceituosos e conservadores, participar ativamente do sustento e gastos do lar pode ser um dos poucos meios em que o indivíduo LGB conquista o respeito da família (VOTELGBT, 2020, p. 19). Ao contribuir com as finanças, as intrigas familiares dissipam, diminuindo também a frequência de situações marcadas por discursos LGBfóbicos que são extremamente estressoras e produtoras de sintomas depressivos. É a partir da autonomia econômica também que o indivíduo LGB pode mais livremente expressar sua sexualidade e identidade (VOTELGBT, 2021, p. 14). O comprometimento da independência financeira para a população LGB coloca-a numa posição de inferioridade perante seus familiares, favorecendo e facilitando casos de vulnerabilidade e violência que intensificam possíveis transtornos depressivos (VOTELGBT, 2020, p.17-19; VOTELGBT, 2021, p.14).

Em meio a essas intrigas e problemáticas parentais, as pessoas LGBs produzem outros arranjos familiares que concretizam o papel essencial da instituição familiar, renegado pela sua família de origem, ao longo da vida (VOTELGBT, 2020, p.15). Logo, devido aos processos de isolamento já presente na vida dos indivíduos não heterossexuais, bem como o preconceito social e as violências contra a população LGBTQ+ no país, é comum a formação de laços sociais de apoio e suporte, como a comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e outros grupos e variações de sexualidade e identidade de gênero). O enfrentamento coletivo é resultante da conexão com a comunidade e relaciona-se à própria compreensão da identidade, como também identidade coletiva e a saúde mental dessa população (KERTZNER, MAYER, FROST & STIRRATT apud PAVELTCHUCK, 2020, p.46). No contexto social, a privação do suporte das instituições, como é exemplo a família, durante a vida dos jovens LGBs, vulnerabilizam esses corpos a experiências que implicam na sua saúde mental, visto que enfraquece os direitos desses à proteção. (RUSSEL & FISH, 2016). O alicerce que a população LGB encontra e constrói na comunidade, não apenas contribui para a própria aceitação e legitimidade, mas significa ambientes de auto pertencimento e bem-estar; os arranjos de convívio social equivalem a significância de seguridade e completude, tanto fisicamente quanto emocionalmente (VOTELGBT, 2020, p.15). Afastar-se dessas estruturas de convívio, para as pessoas não heterossexuais, muitas vezes representa a impossibilidade de exercer sua identidade genuína em um espaço livre de perigos (DRABBLE & ELIASON, 2021). Assim, a rede de apoio e o suporte social são importantes para a manutenção de um bem-estar psicossocial. Logo, as estratégias de gestão de risco, como o isolamento físico, que deveriam atuar como medida de segurança e proteção, acabam, muita das vezes, restringindo a pessoa LGB a um ambiente de violência e aversão, um lar de dissidência, isolando-a

de um porto seguro ou uma rota de fuga, representados por seu círculo LGBTQ+ (DRABBLE & ELIASON, 2021; VOTELGBT 2021, P.20).

Essa restrição de convívio a grupos de identificação e espaços de aceitação, liberdade e expressão afeta diretamente na saúde mental de pessoas LGBs, agravando em estressores adicionais. Esses estressores incluem a falta de um ambiente livre de estigmas e preconceitos sociais e um espaço de alívio e descarregamento de frustrações familiares. Dessa forma, as medidas de quarentena e isolamento, além de, para muitos indivíduos LGBs, significar o confinamento a uma estrutura familiar de repúdio e hostilidade, retirou esses também de seus círculos e meios sociais de pertencimento, afetando gravemente no sentimento de solidão já comum a essa população. É justamente essa sensação que semeia e propicia o aparecimento de sintomas depressivos (VOTELGBT, 2020, p. 13-15).

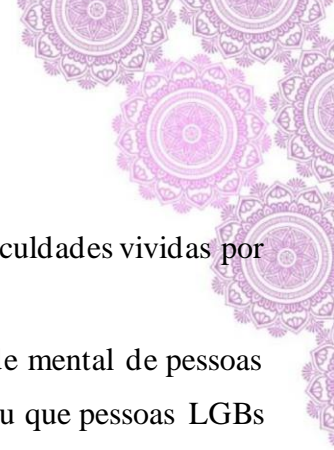
A comunidade LGB é convencionalmente e historicamente uma população vulnerável a políticas sociais e ao acesso à cidadania e garantia de serviços, como saúde e segurança. Especialmente no Brasil, essa realidade para a comunidade LGBTQ+ é constante e agravante, visto movimentos anti-LGBTs que ganham força gradativamente (GATO et al., 2021), como mostram os índices assustadores de violência no país contra LGBTQIA+, a julgar pelo relatório "Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019" do Grupo Gay da Bahia (2020 apud ROMEIRO, 2020, p.30) de que a cada 26 horas uma pessoa LGBTQIA+ é assassinada ou se suicida no Brasil. Devido a essa gama de vulnerabilidades, os indivíduos LGBs tiveram sua qualidade de vida seriamente afetada a partir das difundidas estratégias de impedir a infecção do vírus. Em situações de desproteção, devido ao isolamento social, parte da população LGBTQ+ experienciou o deterioramento do seu bem-estar mental, em decorrência das estruturas de ausência da convivência social, resultantes em solidão, mas também a perda material, a qual corrobora a fragilidade financeira dessa população e outros estressores como a falta de um espaço físico resguardado. (VOTELGBT, 2021, p.20). A restrição social, pela necessidade do distanciamento físico, muitas vezes também significa o afastamento da ajuda profissional. O isolamento social forçou que muitas atividades se adaptassem à plataforma virtual, incluindo serviços psicológicos. Durante a pandemia, muitos grupos de acolhimento presenciais precisaram se dissolver e ficaram impossibilitados de continuar de forma remota, devido a inacessibilidade ao meio online (VOTELGBT, 2021, p.21). É preciso salientar as particularidades necessárias para o acolhimento da população LGBTQ+; é essencial a qualificação dos profissionais que prestarão assistência a essas pessoas, o que inclui profissionais conscientizados sobre a realidade estressora dos indivíduos LGBs, e que incluam, no processo de acolhimento, reflexões acerca dos

estressores adicionais distais e proximais que marcam essas vivências, assim como ofereçam um valor social e acessível (VOTELGBT, 2021, p.21), visto a vulnerabilidade também financeira dessa população. Dessa forma, a piora na saúde mental dos indivíduos em decorrência da pandemia, encontra casos mais graves naqueles em situação dos estressores adicionais, pela condição de minoria sexual, e da dissolução de uma rede de saúde acessível e de qualidade.

A população LGB encontrou sim segurança em relação ao vírus nas medidas de isolamento e quarentena, entretanto foi confrontada com a sua posição de minoria sexual e o agravamento de gatilhos e estressores. Para sobreviver a pandemia de COVID-19 esses indivíduos excluíram-se da sua família de escolha, representada pelos seus grupos sociais, enquanto confinados a um ambiente domiciliar que intensifica sentimentos de auto rejeição e depreciação. Todo esse contexto contribui para que a saúde mental desses sujeitos se torne um meio fértil para o desenvolvimento e aparecimento de sintomas depressivos (VOTELGBT, 2021, p.20).

Considerações finais

A Pandemia de COVID-19 e seus impactos revelaram o que muitos ainda se recusavam a acreditar: não está todo mundo no mesmo barco. Os desdobramentos e consequências ocasionadas pelo contexto pandêmico implicaram na vida da população brasileira de formas muito plurais. Para compreender esses diferentes desmembramentos, é preciso considerar as interseccionalidades que atravessam a sociedade. Dessa forma, as desigualdades, marcadas por realidades de privilégio e opressão, emergem, explicando como em meio a contextos de crise, como a atual pandemia, essas constituem um mosaico de vivências sob um mesmo vírus. Dentre as inúmeras interseccionalidades sociais, destacou-se aqui a interseccionalidade sexual, em uma comparação entre a saúde mental de indivíduos héteros e não-héteros, com enfoque LGB. A teoria do Estresse de Minoria, que já engloba em sua base alicerces interseccionais, serve então de apoio para refletir sobre a saúde mental de minorias sociais, no caso da atual pesquisa, minoria sexuais, em contextos de completa instabilidade social, como a pandemia de covid-19. A partir da atuação conjunta de estressores universais e estressores adicionais – distais e proximais- que integram a vida de lésbicas, gays e bissexuais, é possível explicar a maior suscetibilidade desses indivíduos a possíveis sintomas depressivos. Diante da vulnerabilidade da saúde mental de minorias sexuais, LGBs, é necessário trazer enfoque para quesitos de proteção que vão para além da proteção contra o vírus, mas também proteção individual,



financeira, social desses indivíduos. Assim como refletir sobre as inúmeras dificuldades vividas por essa população em um contexto que intensifica desigualdades.

O presente ensaio, portanto, dispôs-se a comparar análises entre a saúde mental de pessoas héteros e não-héteros à luz da teoria do Estresse de Minoria. A pesquisa mostrou que pessoas LGBs encontram-se em maiores casos de suscetibilidade e vulnerabilidade frente à possibilidade de aparição de sintomas depressivos, principalmente, em decorrência a certos fatores no que tange às relações de lar, dissidência em ambiente familiar e a própria sexualidade; haja visto o contexto de uma pandemia viral, na qual as condições de acesso à cidadania e seguridade mostram-se impraticáveis a maior parte da população, como na existência LGB. O status de minoria na condição de emergência sanitária atua sobre os fatores de risco e proteção citados anteriormente, implicando exponencialmente nas consequências do distanciamento das redes de apoio e do convívio restrito a um ambiente hostil. Logo, na conjuntura social, financeira e sanitária da covid-19, os causadores do mal-estar psíquico na população eclode principalmente naqueles em que os marcadores interseccionais os vulnerabilizam e intensificam seus estressores; como os do grupo analisado: o afastamento e a exclusão da comunidade LGB; a problemática com a família de origem; a vulnerabilidade financeira; o estigma social; as violências físicas, morais, patrimoniais, sexuais e psicológicas; a incapacitação e a inacessibilidade do atendimento a uma rede de saúde.

As análises, pesquisas, discussões e produções a respeito da saúde e bem-estar de pessoas em situação de minoria, como a população LGB, possibilita material para produção de medidas públicas, como também disseminação de referências sobre a situação dessa população. Ampliar o debate significa disseminar a informação, possibilitar a prática e garantir o acesso à cidadania. Só em meio a visibilização da problemática que se assume posição para mudanças. Os fatores de risco e proteção para a população LGB, como a relação familiar e os grupos de apoio, são a chave para oferecer suporte e acolhimento necessário, não apenas em tempos de crises pandêmicas, mas em tempos de desigualdade social.

Deste modo, é preciso investir em estudos aprofundados que objetivem os impactos já causados pela pandemia e os impactos a longo prazo, assim como seus desdobramentos na saúde mental tanto da população LGB quanto outras parcelas populacionais, investigando suas possíveis causas históricas e socioeconômicas predeterminantes. Para isso, utiliza-se do instrumento interseccional, principalmente no que tange à acessibilidade a materiais e redes de apoio e a políticas de proteção que foram pretendidas para o cumprimento do isolamento e contenção da doença; e aos impactos econômicos. O atual trabalho se propôs a refletir sobre as minorias sexuais LGBs, mas

outras interseccionalidades sociais merecem e devem ser reflexionadas, tanto separadamente quanto conjuntamente a outros recortes sociais. Interseccionalidades de gênero, classe, raça, sexuais, para além do recorte LGB, são todas produtoras de realidades múltiplas frente ao enfrentamento da COVID-19.

Referências

BARROS, A. Com pandemia, 20 estados têm taxa média de desemprego recorde em 2020. Agência IBGE Notícias, 2021. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30235-com-pandemia-20-estados-tem-taxa-media-de-desemprego-recorde-em-2020>>. Acessado em 29 de novembro de 2021.

DRABBLE, L. A., & ELIASON, M. J. Introduction to Special Issue: Impacts of the COVID-19 Pandemic on LGBTQ+ Health and Well-Being. **Journal of homosexuality**, v. 68, p. 545–559, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.1080/00918369.2020.1868182>>. Acessado em 29 de novembro de 2021.

GATO, J., BARRIENTOS, J., TASKER, F., MISCIOSCIA, M., et al. Psychosocial effects of the COVID-19 pandemic and mental health among LGBTQ+ young adults: A cross-cultural comparison across six nations. **Journal of Homosexuality**, v. 68, p. 612-630, 2021. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00918369.2020.1868186>>. Acessado em 29 de novembro de 2021.

LINHARES, E. M., et al. Angústia, insegurança e medo na população LGBTQIA +: Comprometimento da saúde mental na pandemia da COVID-19. **Research, society and development**, [S. l.], v. 10, n. 8, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17136>>. Acesso em 29 de novembro de 2021.

MARQUES, A. L. M., et al. O impacto da Covid-19 em grupos marginalizados: contribuições da interseccionalidade como perspectiva teórico-política. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online], v. 25, suppl. 1, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.200712>>. Acessado em 29 de novembro de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Como se proteger? Confira medidas não farmacológicas de prevenção e controle da pandemia do novo coronavírus. **Gov.br**, 08 abril 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-protger>>. Acessado em 02 de dezembro de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde regulamenta condições de isolamento e quarentena. **Gov.br**, 13 março 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/saude-regulamenta-condicoes-de-isolamento-e-quarentena>>. Acesso em 29 de novembro de 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Folha informativa sobre COVID-19. **Paho**, 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Histórico da pandemia de covid-19. **Paho**, 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acessado em 02 de dezembro de 2021.

PAVELTCHUK, F. D. O.; BORSA, J. C. A teoria do estresse de minoria em lésbicas, gays e bissexuais. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 41-54, jul.-dez., 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 29 de novembro de 2021.

RICH, A. J., SALWAY, T., SCHEIM, A., & POTEAT, T. Sexual Minority Stress Theory: Remembering and Honoring the Work of Virginia Brooks. **LGBT health**, v. 7, p. 124–127, 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.1089/lgbt.2019.0223>>. Acessado em 08 de dezembro de 2021

ROMEIRO, N. L. Convivência: a importância da interação social para pessoas LGBTQIA+ durante a pandemia covid-19. **Caderno de Resumos - lives e olhares: A população LGBTQIA+ no contexto da pandemia da COVID-19**, João Pessoa. p. 28-32, 2020.

RUSSEL, S. T., & FISH, J. N. Mental Health in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender (LGBT) Youth. **Annual review of clinical psychology**, v. 12, p. 465–487, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-021815-093153>>. Acessado em 29 de novembro de 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Origin of SARS-CoV-2. WHO, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332197/WHO-2019-nCoV-FAQ-Virus_origin-2020.1-eng.pdf>. Acessado em 29 de novembro de 2021.

#VOTELGBT. DIAGNÓSTICO LGBTQ+ na pandemia: Desafios da comunidade LGBTQ+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus. Pesquisa Junho 2020. Disponível em: <<https://www.votelgbt.org/pesquisas>>. Acessado em 29 de novembro de 2021.

#VOTELGBT. DIAGNÓSTICO LGBTQ+ na pandemia: Desafios da comunidade LGBTQ+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus. Pesquisa Junho 2021. Disponível em: <<https://www.votelgbt.org/pesquisas>>. Acessado em 29 de novembro de 2021.